

CHÃO DE MEMÓRIAS: O OFÍCIO DO ARTISTA-EDUCADOR NA CRIAÇÃO DE MUNDOS POSSÍVEIS

André Rosa¹
Samara Lupion²

Resumo

Em decorrência da pandemia COVID 19, a primeira temporada do Chão de Memórias se deu de forma virtual e se constituiu de seis episódios, e teve como tema central o ofício do artista-educador e a criação de mundos possíveis. Acionando memórias pessoais e histórias culturais, as provocações foram feitas acerca dos saberes entre a arte e a educação, com o intuito de no coletivo, pensarmos em estratégias e metodologias para que as rachaduras se façam nos chãos do nosso ofício de artistas-educadores-pesquisadores. Assim, esta ação levou a criação de um inventário performático-pedagógico-digital em possíveis pedagogias da performance anticoloniais, tornando-se um espaço de resistências, lutas e trocas que visa ecoar a pluralidade dos corpos e metodologias que não cabem nas narrativas hegemônicas e colonizadoras, partindo da seguinte indagação: de que maneiras reinventamos nossos chãos na criação de mundos possíveis entre a arte e a educação?

Palavras-chave: Pedagogias da Performance; Pedagogias Anticoloniais; Metodologias Desobedientes.

Abstract

As a result of the COVID 19 pandemic, the first season of Chão de Memórias took place in a virtual way and consisted of six episodes, with the artist-educator's craft and the creation of possible worlds as its central theme. Triggering personal memories and cultural histories, the provocations were made about the knowledge between art and education, with the intention of in the collective, thinking about strategies and methodologies so that the cracks are made on the floors of our craft of artist-educators-researchers. Thus, this action led to the creation of a performative-pedagogical-digital inventory in possible anti-colonial performance pedagogies, becoming a space of resistance, struggles and exchanges that aims to echo the plurality of bodies and methodologies that do not fit in the hegemonic and colonizing narratives, based on the following question: in what ways do we reinvent our floors in the creation of possible worlds between art and education?

Key-words: Performance Pedagogies; Anticolonial Pedagogies; Disobedient Methodologies.

1. Doutor e Professor Adjunto do Departamento de Música e Artes Cênicas da Universidade Estadual de Maringá/Paraná. E-mail: alrosa@uem.br

2. Graduanda do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Estadual de Maringá/Paraná. E-mail: sahlupion@gmail.com

Os Chãos

Chão de Memórias parte de questionamentos relacionados ao modo como estamos a habitar o chão do ofício de artista-educador-pesquisador nos dias atuais. De que maneira reinventamos esses chãos na criação de mundos possíveis? Foram seis encontros, com seis convidados/as de diferentes partes do Brasil, compartilhando caminhos e estratégias, repletos de obstáculos e desafios, do que é ser artista-educador-pesquisador em um país que ainda mantém as narrativas hegemônicas sustentadas pelas colonialidades que violentam, exterminam e subjagam os corpos.

A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível (KRENAK, 2019, p.11).

Como nos aponta Ailton Krenak, escritor, líder indígena e ambientalista, os saberes produzidos por outros povos são invalidados, criando uma falsa ideia de superioridade que dita a produção e circulação de conhecimentos, indicando padrões que devem ser seguidos e quem tem permissão a aceder aos lugares de poder. Permeando, em grande escala, até os dias atuais, visto que “se repetimos uma coisa várias vezes, ela se torna normal” (ADICHIE, 2019, p.16), Chimamanda Ngozi Adichie, escritora feminista nigeriana, mostra-nos como uma representação pautada por uma matriz de poder colonial, onde o homem/branco/hétero/cis/capitalista/racionalista/ domina o centro de uma narrativa unívoca e explicativa de mundo, ainda é naturalizada e forja um imaginário que circunscreve os espaços de poder.

Com isso, *Chão de Memórias* se configura como ação contra-hegemônica, trazendo experiências e memórias que não são narradas e reconhecidas (ainda) na história oficial, porém, em um ato de resistência e (re)existências são mantidas pelas nossas ancestralidades. O que nos dá a oportunidade de repensarmos quais referenciais estamos a utilizar para fugirmos da linearidade e das dicotomias impostas pelas opressões interseccionadas, que nos forcem a naturalizá-las. Lembrando que um dia seremos os ancestrais de alguém, quais rachaduras queremos provocar?

Nosso inventário performático-pedagógico-digital está de forma integral na Plataforma do Youtube, pelo canal *Chão de Memórias*, através do link:

<https://www.youtube.com/channel/UC6aLaZweoi2G2uTIplEkbnQ>.

Traremos, a seguir, alguns vestígios das discussões de cada encontro entrelaçados com as vivências de cada convidado/a.

As Memórias

Em nosso primeiro episódio as provocações foram feitas por Eleni Souza Nobre, professora de arte da E.E. Prof. Darcy Vieira, Itapetininga/SP, e *performer* nas encruzilhadas das culturas populares afro-indígenas, tecnologias e corpos. Seus caminhos trilhados estão na abordagem das culturas populares no ensino de arte, o que está repleto de conhecimentos ancestrais e não-hegemônicos na ampliação e contestação dos corpos e dos marcadores sociais de raça, gênero, sexualidade, classe social e linguagens. Para isso, convoca as tecnologias como possibilidades metodológicas digitais na provocação da (re)existência em arte e educação nos cruzamentos com os saberes populares, colocando o corpo em ação, com ênfase no Côco de Roda.

Alexandre Cruz, ator, dramaturgo, diretor de teatro e cinema, e fundador da Casa de Teatro em Amparo/SP, se fez presente no segundo episódio. Expondo o desenvolvimento artístico e educacional de um grupo independente de teatro em um ambiente sociocultural interiorano por entre oficinas, montagens, apresentações, formação de público e atravessamentos com outras linguagens artísticas. As possibilidades de criação nos 24 anos de existência e resistência da Casa de Teatro - espaço portal e sede da Cia. Lázara de Teatro -, impacta os espaços e corpos tanto numa dimensão micropolítica das relações, do autoconhecimento, da cura e do contato com o fazer artístico, quanto numa dimensão macropolítica acerca das políticas culturais, em relação às condições de trabalho, manutenção e sobrevivência do artista-educador no interior.

O terceiro episódio se construiu com Iracy Vaz, encenadora, atriz, escritora e professora de teatro da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará (UFPA). Indagando sobre a linearidade e manipulação de uma história única, trouxe o redimensionamento da criação artística produzida nos espaços formais e informais da arte e da educação, questionando os lugares de poder que constituem os termos “amador” e “profissional” na produção artística, inserindo-os em uma rede assimétrica de valoração estética em detrimento das camadas pedagógicas e metodológicas que toda criação em arte convoca. Debatendo a importância do desaprender para (re)aprendermos outros

saberes, invocando para as cenas pedagógicas-artísticas histórias não-lineares, desmontagens dos nossos próprios olhares colonizados sobre a produção e circulação de arte. Reconhece, assim, a pluralidade dos conhecimentos que estão além do paradigma ligado ao indivíduo ocidental e seu sistema racional-secular-cisheteronormativo, branco e capitalista que impõe uma narração unívoca de mundo e relações.

Fátima Santana Santos, mestra pelo Programa de Ensino e Relações Étnico-Raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) e coordenadora pedagógica do CMEI Dr. Djalma Ramos, em Lauro de Freitas/BA, foi nossa convidada deste quarto encontro. Com suas memórias culturais e afetivas compartilhou conosco as rachaduras de seu percurso enquanto criança negra e, agora, pedagoga/educadora/coordenadora de uma escola pública de educação infantil, o que permeia o reconhecimento das múltiplas manifestações culturais e artísticas afro-brasileiras que a cercam desde sua infância em um bairro periférico da cidade de Salvador/BA.

Como uma forma de luta, resistência e de reinvenção, o que a leva à proposição de metodologias anticoloniais, em um viés antirracista, são os impactos socioculturais da arte no reconhecimento das políticas de identidade na educação infantil através de projetos, parcerias e ações entre comunidade escolar e familiar, na criação de mundos possíveis e, sobretudo, na potência da desmontagem das opressões interseccionais de raça, classe social, gênero/sexualidade, espiritualidade e produção/circulação de conhecimentos.

As provocações do quinto episódio se deram com Letycia Rendy Yobá Payayá, ativista no Coletivo Mulheres Indígenas Lutar é Resistir, historiadora e pesquisadora do Núcleo de Estudos de História Oral (NEHO), especialista em Histórias e Culturas Afro-brasileiras e Indígenas para Educação (Lei 10.639 e 11.645), militante na Formação para Professores sobre História e Culturas Indígenas e Arte-Educadora na periferia de São Paulo no Coletivo *Agora Vai Jardim Jaqueline* com o projeto Cine Sarau Jacó. Com toda a restrição existente do nosso imaginar, as possibilidades dos nossos sonhos de mundos diferentes nos é violentada e retirada diariamente. Nossa convidada nos faz repensar, a partir da sua autoafirmação como indígena da etnia Payayá, a importância do ensino das histórias e das culturas indígenas nos contextos educacionais e artísticos, já assegurado pela Lei Federal nº11.645/2008.

Entre a arte e a educação, as ações do Cine Sarau Jacó se desenrolam, pelas quebradas do Jardim

Jaqueline, uma das tantas periferias da cidade de São Paulo, onde narrativas e formas de contar a vida se emaranham pelas subjetividades de cada habitante, que emerge a cada exibição cinematográfica. As culturas indígenas nos arremessam para curas, ensinamentos e potências que ativam e desmascaram o indivíduo (neo)liberal moderno, pois permanecer vivo tem sido um ato coletivo e ancestral de resistência dos povos originários. Este encontro nos deixa o questionamento de como garantir que esses conhecimentos e modos de gestar a vida estejam em nossos cotidianos artísticos e educacionais, em nossos currículos e ações culturais, limpando-nos dessa miopia e catarata social de mais de 500 anos.

E por fim, nosso sexto e último encontro se desenvolveu com Carolina Garcia Marques, atriz-marionetista, diretora e produtora cultural, educadora somática Feldenkrais da Faculdade Angel Viana/RJ, arte-educadora da equipe de gestão da Escolinha de Arte do Brasil (EAB/RJ), e gestora do Espaço de Residência Artística Vale Arvoredo/RS. Com todas as suas vivências e repertórios, Carolina traça rabiscos do seu corpo-experiência por entre os espaços não-convencionais de ensino e aprendizagem - alguns de importância histórica -, (re)configurando-os como espaços educacionais e de trabalho para o artista-educador na atualidade. A sua atuação e dedicação ao teatro de formas animadas amplia conjunturas, metodologias e possibilita estratégias de continuidade na formação do artista-educador-pesquisador. Finalizando essa temporada, de grande potência, questionando por onde estamos pisando e vivendo nossos espaços, corpos e chãos.

Os Vestígios

De que forma se dão nossas relações? Nossas existências de artistas-educadores-pesquisadores se colidem com tantas realidades, plurais e diversas. Onde colocamos/escondemos nossos afetos? Em uma época onde o que for possível ocorre por entre as dinâmicas das mediações tecnológicas, como continuar propondo metodologias desobedientes em arte e educação? Muitos são os chãos dos artistas-educadores-pesquisadores, repletos de rachaduras, adentrando, transbordando, fugindo de sermos corpos ignorados, exterminados, apagados. O poder/controlado que exercem sobre meu corpo, sobre nossos corpos, têm sido escancarados e exercidos cotidianamente por uma matriz de poder colonial, como nos mostra Abdias do Nascimento, artista brasileiro, professor universitário, político e ativista dos direitos civis e humanos das populações negras, em *O quilombismo: Documentos de uma Militância Pan-Africanista* (1980):

A história do Brasil é uma versão concebida pelos brancos e para os brancos, exatamente como toda sua estrutura econômica, sociocultural, política e militar tem sido usurpada da maioria da população para o benefício exclusivo de uma elite minoritária brancoide, presumidamente de origem europeia (NASCIMENTO, 2019 p.35 e 36).

Como romper senão no afeto? No cuidado? No coletivo? No escutar? No olhar? No questionar? Bell Hooks, artista e educadora negra feminista estadunidense, em *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade* (1994), traça algumas potentes reflexões que nos lançam para o encontro e confronto do ato de se posicionar nos processos educacionais:

[...] é crucial que os pensadores críticos dispostos a mudar nossas práticas de ensino conversem entre si, colaborem com uma discussão que transponha fronteiras e crie espaço para a intervenção (HOOKS, 2017 p. 173).

Construir mundos possíveis, fugir da homogeneização dos saberes e criar ações anticoloniais, será esse nosso ofício? “Transgredir as fronteiras que fecham cada aluno numa abordagem de aprendizado como uma rotina de linha de produção” (HOOKS, 2017, p. 25).

Chão de Memórias (1º temporada) dialoga sobre essas questões em seis episódios de diferentes vivências e realidades, aproximando-se em não concordar com as hierarquias opressoras que caminham para a destruição e o aniquilamento dos nossos corpos e saberes não-hegemônicos. Onde moram as possibilidades e como as tecemos? “A academia não é o paraíso. Mas o aprendizado é um lugar onde o paraíso pode ser criado. A sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades” (HOOKS, 2017, p.273).

Esses encontros buscaram se constituir em um lugar de conexões/trocas, pensando outras maneiras de causar ruídos, fissuras, interferências e rupturas, por meio de vozes dissonantes e dissidentes na construção de uma *epistemologia de fronteira*¹, pelas valências políticas e culturais de teóricos e práticos em arte e educação (ROSA, 2017). E pelo potente bordado dos encontros surgiu a criação de um inventário performático-pedagógico-digital em arte e educação na plataforma *You*

¹ A *epistemologia de fronteira* é uma das respostas críticas dos/as subalternos/as ao projeto da colonial/modernidade, uma alternativa para o combate de ações fundamentalistas, que ainda mantém como premissa o reconhecimento de uma única via epistêmica para o acesso ao conhecimento, por meio da universalização como produtora de verdade. Pautada pelas posições assumidas por diversos/as autores/as, tais como Gloria Anzaldúa, a *epistemologia de fronteira* elabora uma redefinição conceitual e prática das retóricas emancipatórias da modernidade, agora, por meio das vivências, cosmovisões e conhecimentos dos/as subalternos/as. Trata-se de uma perspectiva crítica aos nacionalismos, aos colonialismos e aos fundamentalismos, sejam hegemônicos ou periféricos.

Tube, gerando desdobramentos que podem contribuir para a pedagogia do teatro, visto que a sistematização de um acervo de práticas artísticas contemporâneas possibilita no ato de inventariar, apreender as etapas de criação, produção, realização e circulação de artefatos/ações/eventos culturais e educacionais, tornando-se um espaço didático-artístico e de pesquisa para a pedagogia da performance.

Deste modo, todas essas valências políticas, sociais, culturais e existenciais nos arremessaram para a concepção e realização da segunda temporada do *Chão de Memórias* e, desta vez, convocamos os entrecruzamentos da Arte, da Educação e das Ancestralidades, já totalmente disponível em nosso inventário performático-pedagógico-digital no *Youtube*.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Tradução de Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2ªed. - São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 2017.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo: Documentos de uma Militância Pan-Africanista**. 3ªed. rev. - São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.

ROSA, André. **corpxs sem pregas: performance, pedagogia e dissidências sexuais anticoloniais**. Tese (Doutorado) em Estudos Artísticos. Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 2017.